

MEMÓRIA E LINGUAGEM: um estudo sobre os folhetos de cordel

*Heloá Cristina Camargo de Oliveira**
*Oswaldo Francisco de Almeida Júnior***

memória científica original

RESUMO

Apresenta-se características da memória em contraposição com a história, seu contexto social e sua dificuldade de expressão (principalmente em relação ao esquecimento), com o objetivo de salientar a importância e complexidade da memória. Para objetivar tal estudo, foi escolhido as obras de cordel, numa discussão destas como obras de preservação de memória, a partir da identificação do papel da linguagem no contexto expositivo das características dessa literatura. O cordel moldou-se com a composição de várias ferramentas de linguagem e abordagens, e isso faz nascer a questão de que se essa composição pode enfraquecer ou enriquecer a memória. A partir dos estudos dessa constante evolução linguística, novos questionamentos são postos frente ao uso da língua e linguagem e à preservação da memória. Como consequência de pesquisas bibliográficas, pode-se explorar o tema e concluir que a literatura de cordel tem a peculiaridade de trabalhar com a linguagem de forma plena, porém, isso não protegeu essas obras do esquecimento.

* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Brasil. Bibliotecária na empresa Construtora Triunfo, Brasil.
E-mail: heloaliveira.biblio@gmail.com.

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho – Campus Marília.
E-mail: ofaj@ofaj.com.br.

Palavras-chave: Memória. Linguagem. Folhetos de Cordel.

I INTRODUÇÃO

Várias são as visões expostas a respeito da memória humana, em contextos físicos, psicológicos e sociais. Neste trabalho visa-se ressaltar a visão de autores que nos apresentam características da memória em contraposição com a história, seu contexto social e sua dificuldade de expressão (principalmente relacionada ao esquecimento).

Tais discussões não se esgotam na literatura, muito menos nas relações que serão apresentadas, porém, sua contextualização faz-se necessária para que o entendimento da importância e complexidade da memória sejam ressaltados.

Para objetivar o estudo dessa importância e complexidade, pretende-se analisar as obras de cordel como obras de preservação de memória, a partir da identificação do papel da linguagem no contexto expositivo das características dessa literatura.

As obras de cordel são frequentemente ressaltadas como responsáveis pela guarda da memória brasileira. Sua estrutura é peculiar porque agrega o formato físico de um folheto a narrações de textos rimados e ilustrados com a técnica da xilogravura.

Herança da colonização portuguesa, os cordéis se popularizaram na região Nordeste do Brasil, carregando consigo seu característico sotaque e simplicidade, que acabaram virando uma marca dos folhetos. Sua literatura que mescla formas populares e folclóricas iniciou-se timidamente desde os séculos XVI e XVII, assumindo sua forma definitiva no fim do século XIX. (CURRAN, 1991, p. 570).

O cordel moldou-se com a composição de várias ferramentas de linguagem e abordagens, e isso faz nascer a questão de que se essa composição pode enfraquecer ou enriquecer a memória.

Ressalta-se que a utilização das linguagens falada e escrita são precedidas por uma outra

forma de linguagem, identificada por Henri Atlan como existentes na própria memória. (ATLAN, 1972, p. 461 apud LE GOFF, 1990, p. 425.).

Ainda, Bakhtin esclarece que “[...] a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.” (2010, p. 132). Portanto, mesmo que se note uma preservação estética da língua (como no caso dos cordéis brasileiros), na interação social há um caminho evolutivo ininterrupto, mesmo que este se apresente de forma peculiar.

A partir dos estudos dessa constante evolução linguística, novos questionamentos são postos frente ao uso da língua e linguagem e à preservação da memória.

Tais abordagens e questionamentos serviram de base para a realização do presente trabalho que, a partir de pesquisas bibliográficas, serão discutidos nos capítulos que seguem.

2 MEMÓRIA: DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES

A concepção de memória se faz complexa, dependente de abordagens e verdades aceitas. O uso do termo **memória** é expressamente popular, o que torna sua concepção ainda mais poluída, visto que seu termo é usado em inúmeras conotações. Com o advento de novas tecnologias esse problema agravou-se, pois ele passou a ser associado a simples guarda de dados.

O que se mostra claro, porém, é que se vive um tempo onde a memória apresenta uma busca constante, sem que sua concepção seja plenamente esclarecida, principalmente em relação a falta de segurança quanto ao esquecimento.

A memória, por sua vez, sempre existiu, pois ela independe da vontade ou desejo da sociedade.

A primeira discussão que se destaca neste trabalho é a contraposição de dois conceitos, que por vez são tidos como similares em determinados contextos – história e memória. Nora ressalta:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

[...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e repetir. (NORA, 1993, p. 9).

Isso principalmente porque a escolha do que é contado apresenta a também escolha do que será esquecido. A construção da memória segue, portanto, lado a lado de suas duas camadas que compõem uma superfície indivisível – lembrança e esquecimento.

A história, portanto, assume seu papel de imperatividade quanto a composição da realidade – o que se deve lembrar, e o que se deve esquecer.

Se a história destrói o que decide esquecer, assume-se uma incrível perda no decorrer do tempo do que por muito tempo esperava-se que fosse uma memória plena. Vê-se que o que é exposto são fragmentos de uma memória, um retrato de uma visão específica, com suas limitações de percepção e vivência.

Halbwaches esclarece que “[...] se o que vemos toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (1990, p. 29)

Portanto, ao lembrar acionamos, por assim dizer, o passado no tempo presente e, mesmo que se tente não fazê-lo, é impossível reconstituir um fato passado sem a influência do presente visto que não é possível retirar-se dele.

Faz-se pertinente, portanto, a visão expressa por Sarlo (2007), de que o contar uma história é algo subjetivo, onde ressalta-se as influências temporais do presente.

É por isso que um adulto pode encontrar desafio ao contar uma história vivida na memória da infância – tenta-se expressar uma memória de um tempo onde mal se havia um contato pleno com a língua falada e a percepção de tempo e espaço encontrava-se ainda em construção, porém essa expressão é feita num momento temporal posterior, onde o domínio das faculdades perceptivas e de comunicação estão mais desenvolvidas.

O passado e o presente constituem entre si um linha tênue pois, como ressalta Ricoeur a partir da obra de Bergson, “[...] um presente qualquer, desde seu surgimento, já é seu próprio passado; pois como se tornaria passado se não tivesse se constituído ao mesmo tempo em que era presente.” (RICOEUR, 2007, p. 442).

A memória é também contextualizada socialmente, isso porque na construção de sua memória, não há possibilidade de anular o fato de que o ser encontra-se sempre inserido em um coletivo, em uma determinada sociedade. Halwbachs destaca: “[...] ele esteve sozinho apenas em aparência, pois, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam por sua natureza de ser social e porque ele não deixou sequer por um instante de estar encerrado em alguma sociedade”. (1990, p. 42.).

Embora a memória seja construída em ambientes físicos, espaciais, observa-se que mesmo em uma situação de reclusão um ser não se separa de sua posição como ser social, mas carrega consigo sua natureza muito além de barreiras físicas e geográficas.

O autor supracitado segue esclarecendo que

nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida. Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo que faz que um período se distingua dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto. (HALWBACHS, 1990, p. 76-77).

Vê-se uma nova abordagem de história – uma apresentação da história vivida – da história social e pessoal, diferente da apresentada anteriormente, exteriorizada como forma de preservação da memória.

No contexto geral da palavra história destaca-se, portanto, que a diferença básica entre história e memória é a cronologia. A história depende de um tempo cronológico e linear para tecer suas exposições; a memória, por sua vez, não possui tempo ou continuidade. Também, a memória precisa ser estimulada no presente para que possamos acessá-la. (HALWBACHS, 1990).

Não se pode esquecer, porém, o que Huyssen advoga: “Espaço e tempo são categorias fundamentais de experiência e da percepção

humana, mas, longe de serem imutáveis, elas estão sempre sujeitas a mudanças históricas”. (2000, p. 30). Tal sujeição quanto a mudanças históricas impactará continuamente no tempo em que a memória é acessada, o que permitirá visões diferentes de uma mesma memória retomada em tempos cronológicos distintos.

A complexidade e importância da memória são destacada por Santos:

nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo, e motor e do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma: ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações. (SANTOS, 2003, p. 25-26).

A memória manifesta-se de diversas maneiras mas sua representação plena é excessivamente carregada de subjetividade e permeia-se no esquecimento, por características físicas, como idade e/ou deficiências, ou mesmo de escolha, como agregação de valor ou traumas.

É como a apresentação da história pela memória de “lados” diferentes do mesmo acontecimento temporal. Por exemplo, têm se o ponto de vista dos vencedores e o dos perdedores de uma guerra, pois, assim como exposto por Ricoeur, “Ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro”. (2007, p. 459).

Têm-se ainda o agravante de que a retratação de uma memória depende de um contexto muitas vezes perdido ou falho no presente. Como manifestar a memória de um povo praticamente em extinção, onde os poucos que lhe restam foram moldados por uma mistura de sua sociedade cultural primitiva e uma sociedade tecnologicamente evoluída, com expressas diferenças em costumes e crenças? Como consultar os antepassados que já fazem parte do passado?

Permeando pelo esquecimento, temos a fala de Ricoeur:

O esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição da

confiabilidade da memória. Ora, a confiabilidade da lembrança procede do enigma constitutivo de toda a problemática da memória, a saber, a dialética de presença e de ausência no âmago da representação do passado, ao que se acrescenta o sentimento de distância próprio à lembrança. (RICOEUR, 2007, p. 425).

Embora o esquecimento seja frequentemente visto como um vilão contra o qual deve-se permanentemente lutar, Huyssen esclarece, baseado nas abordagens de Freud, que “[...] a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que o esquecimento é uma forma de memória escondida”. (2000, p. 18).

Ainda, Ricoeur (2007, p. 435) diz que “O esquecimento pode estar tão estreitamente confundido com a memória, que pode ser considerado como uma de suas condições”.

Ricoeur compara o esquecimento com o envelhecimento e a morte, como “[...] faces do inelutável, do irremediável” (p. 435).

Portanto, faz-se impossível pensar na memória isolando-a da existência do esquecimento e este não precisa ser visto como algo a ser terminantemente evitado visto que a existência da memória convive com ele, numa relação intrínseca e nem sempre maléfica. Muitas vezes o esquecer serve de superação para a memória que se apresenta, como no caso de traumas, onde a pessoa “adormece” uma memória, situando-a no esquecimento, para que não venha a ser influenciado negativamente por sua lembrança.

O grande desafio de representação na busca consciente pela preservação da memória consiste, na realidade, no fato de que se restaura a medida de uma memória presente, sua representação do que se acredita ter sido o passado.

3 LINGUAGEM

Bakhtin contextualiza a linguagem enquanto uso e em interação social, ressaltando que durante a enunciação (que é expressa como o momento de uso da linguagem), esta se apresenta em um processo complexo, indo além da presença física, perpassando pelo tempo histórico e o espaço social da interação. (PIRES, 2011, p. 11).

Pires (2011, p. 14) apresenta a visão Vygotskyana, explorando que a linguagem possibilita “A interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados”, trazendo o quadro amplo de que

esse conteúdo da experiência histórica do homem, embora consolidado nas criações materiais, reflete-se nas formas verbais de comunicação entre as pessoas sobre esses conteúdos. Dessa maneira, a natureza social do ser humano torna-se também sua natureza psicológica. (PIRES, 2011, p. 14).

Observamos que os quadros expostos sobre linguagem nos remetem a uma contextualização da memória em seu contexto social. A imersão do ser em um ambiente com suas construções de memória criam a linguagem.

Esse contexto social também é chamado de práxis, conforme a descrição exposta por Blikstein (2003, p. 54), onde ela é apresentada como sendo o “conjunto de atividades humanas que engendram [...] as condições de existência de uma sociedade”.

As sociedades se moldam e evoluem de acordo com seu contexto atual, interferindo até mesmo na forma evolutiva dos novos integrantes da sociedade. Por exemplo, ressalta-se a facilidade cada vez mais prematura dos seres humanos se comunicarem verbalmente – isso devido a sua manifestação linguística oral evoluída, que envolve o nascimento de crianças já habituadas ao som da fala desde o desenvolvimento pré-natal.

No sentido oposto, têm-se o enigma de Kaspar Hauser, um jovem que viveu em isolamento até sua adolescência, comendo apenas o que lhe era deixado durante a noite. Kaspar Hauser foi solto numa praça de Nuremberg, em maio de 1828. A partir de sua libertação, ele viveu imerso em uma sociedade que lhe proporcionou o conhecimento sobre a língua – falada e escrita, porém nunca foi aceito na sociedade por demonstrar dificuldades extremas em compreender o mundo que lhe era imposto. (BLIKSTEIN, 2003).

Saboya esclarece que: “A paisagem em que Kaspar Hauser foi colocado, apesar de explicada pela linguagem, pelas palavras, por signos lingüísticos, permanece, para ele, indecifrável.” A autora ressalta ainda que “o processo de conhecimento da realidade é regulado por

uma contínua interação de práticas culturais, percepção e linguagem". (SABOYA, 2001, p. 4).

Partindo dessa exposição, e da afirmação de Pires (2011, p. 17) de que "É a partir da convivência com os outros que o ser se constitui humano", podemos considerar que a ausência dessa interação pode ter sido a lacuna que impossibilitou a plena compreensão de Kaspar Hauser à respeito da sociedade em que foi imerso. Este pode ser considerado um exemplo de que a práxis e o envolvimento com a linguagem são vitais para a construção de um pensamento complexo, passível de entendimento de um ser frente a realidade e de suas expressões.

Na linguagem apresentam-se também as relações de discurso e diálogo, que Ponzio, a partir de relações entre Bakhtin e Marx, contextualiza:

a consciência é constituída de linguagem e, portanto, de relações sociais [...]. "Nossas" palavras são sempre "em parte dos demais". Já estão configuradas com intenções alheias, antes que nós as usemos (admitindo que sejamos capazes de fazê-lo) como materiais e instrumentos de nossas intenções. Por esse motivo todos os nossos discursos interiores, isto é, nossos pensamentos, são inevitavelmente diálogos: o diálogo não é uma proposta, uma concessão, um convite do eu, mas uma necessidade, uma imposição, em um mundo que já pertence à outros. [...] o eu é um compromisso dialógico – em sentido substancial, e não formal – e, como tal, o eu é, desde suas origens, algo híbrido, um cruzamento, um bastardo. A identidade é um enxerto. (PONZIO, 2009, p. 23).

Observa-se a relação intrínseca do diálogo na linguagem, ressaltando-se seu envolvimento na própria concepção de identidade, agregando ao próprio pensamento características híbridas de envolvimento histórico-social.

Com foco no discurso, realçando formas de reproduzir o discurso alheio, o autor ainda salienta que:

as formas de representação do discurso alheio, que se tem transformado em "gramaticais" dentro de uma determinada língua e que se assumem como modelos sintáticos desta língua, determinando a percepção e a representação da palavra alheia

por parte dos falantes dessa língua. A influência que exercem estes modelos sobre o comportamento dos falantes depende também de fatores histórico-sociais. Uma mudança nas condições sociais que as determinavam se reflete nestes modelos, modificando-os ou pelo menos debilitando sua função reguladora e de inibição, ampliando o leque das variantes correspondentes a um determinado modelo. (PONZIO, 2009, p. 104).

Ainda, no ressaltar da língua, Bakhtin esclarece que

as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. (2010, p. 129).

Essas considerações quanto as influências e desenvolvimentos linguísticos são pertinentes no caso da literatura de cordel, que possui a característica de reprodução oral intensamente salientada, com objetivos jornalísticos, históricos ou folclóricos. Independente do objetivo narrativo, encontra-se essa contraposição de práxis onde o discurso é "lido" com possíveis inibições ou alterações.

4 UM CORDEL PRA RECONTAR

Os cordéis brasileiros apresentam um formato bastante codificado, chegando-se a uma forma destacada por Abreu (1999, p. 73), como "canônica", diferentemente do formato livre de seus originários portugueses.

No Brasil a literatura difundiu-se inicialmente apenas em comunicações orais, o que não é de se estranhar quando contextualiza-se o Brasil como país inicialmente povoado por índios e por pessoas iletradas. (ABREU, 1999).

Além disso, a imprensa, seja ela relacionada a livros, periódicos ou textos soltos, só passou a ser aceita e autorizada após a vinda da Família Real Portuguesa no início do século XIX. Até então, todas as publicações impressas tinham origem fora do território brasileiro. Quase todas chegavam de maneira ilícita, contrabandeadas. Durante o Brasil

colônia, como afirma Frieiro (1981, p. 18), ao “[...] contrário da América espanhola, que conheceu muito cedo, mal se firmara a Conquista, a imprensa e o ensino universitário, não havia em todo o Brasil uma só tipografia, uma só universidade”. Os livros contrabandeados chegavam ao Brasil, mas pelas dificuldades de acesso, pelo alto custo em obtê-los e pelo grande número de analfabetos, poucos eram os que os adquiriam. Frieiro, com base em dados históricos obtidos, conta em seu livro “O diabo na livraria do Cônego”, a história da grande biblioteca, para os padrões da época, do Cônego Luis Vieira da Silva, um dos membros da Inconfidência Mineira, toda ela formada por livros contrabandeados. Acredita o autor que esse personagem tenha sido um dos principais mentores da Inconfidência, com ideias sustentadas nos livros que acumulou em sua biblioteca.

A censura imposta por Portugal às suas próprias publicações, estendeu-se com mais rigor, ao que se publicava no Brasil. Agregada aos outros motivos citados acima, evidencia-se uma clara estratégia em não permitir que os colonizados tivessem acesso a ideias, concepções diferentes das impostas e veiculadas por Lisboa.

As formas iniciais de oralidade eram expressas na maneira de desafios entre rimas. Esses desafios hoje também são difundidos em alguns estilos musicais, como o rapp.

Com o passar do tempo o cordel foi modelando-se e incorporando os traços físicos de impressão textual e de xilogravura. A figura 1 apresenta uma xilogravura utilizada na capa do cordel *O grande rio*, datado de 1978.

Figura 1 – **Ciro, o cantador**



Fonte: Abreu, (1999, p. 79)

O cordelista retratado é o cantador *Ciro*, que era famoso por apresentar-se sozinho. A maioria das xilogravuras iniciais apresenta a figura do cantador em destaque, como componente da própria capa.

Essas representações dos cantadores salientam a importância da oralidade em sua comunicação e conhecimento, vê-se a valorização da expressão da comunicação oral antes mesmo da valorização da própria história a ser narrada.

O uso da xilogravura acrescentou ao formato inicialmente oral mais uma qualidade linguística agregada à escrita. Os desenhos retratando a história foram se popularizando, servindo também como parte da própria contação.

Concluiu-se assim, o formato hoje conhecido como o folheto de cordel brasileiro: a exposição oral a partir de uma história registrada em um folheto de formato padrão, com impressão de letras e imagens ilustrativas pela técnica de xilogravura. O formato simples popularizou-se também por seu fácil acesso, comercializado principalmente em feiras livres, e baixo custo.

Moreira (1964) apud Curran (2001) ressalta a importância dos cordéis para o Brasil:

importância literária e de linguagem e em virtude, ainda, da contribuição que apresenta para o conhecimento histórico e social do povo brasileiro. [...] Ver-se-á um dia que para a história ou para a sociologia aí se encontrava uma das mais ricas fontes. [...] Os acontecimentos importantes do Brasil, de países distantes ou da localidade, as estórias tradicionais, os elementos folclóricos, personagens reais ou da ficção e das lendas, todo um mundo de temas, de traços de vida [...]. (MOREIRA, 1964 apud CURRAN 2001, p. 23-24).

O texto, de 1964, justifica a natureza do tema em pesquisas, ressaltando as características híbridas da literatura em questão.

Galvão (2002) executou um estudo visando explorar o envolvimento com a exposição oral dos cordéis, com o foco em pessoas não letradas. A autora entrevistou diversas pessoas que tiveram envolvimento ativo com a literatura durante uma de suas fases populares – as décadas de 30 e 40 do século XX. A relação estabelecida com a literatura mostrou-se intensa e impactante:

O depoimento dos entrevistados parece revelar que o interesse na leitura e na audição dos folhetos residia não exatamente na expectativa de resolução dos conflitos apresentados pelo autor, no desvelamento do enredo/história em si ou na notícia e em seu desfecho, mas na possibilidade de rememoração e na contínua apropriação de conceitos, práticas, idéias gerais e universais, não referidos a um contexto imediato, presentes nas histórias. Os entrevistados voltam, assim, aos mesmos folhetos, mesmo quando eles são noticiosos. A atualidade da notícia parece não ser uma categoria importante: os poemas não são considerados descartáveis, na medida em que, de alguma forma, reiteram valores e atingem a sensibilidade do público leitor. (GALVÃO, 2002, p. 130).

A leitura dos folhetos apresentou um caráter importante na construção da memória dos que faziam parte daquele contexto, eles demonstraram sentimentos de orgulho e/ou vergonha na contraposição lembrança/esquecimento dos folhetos já conhecidos, demonstrando que o fato de se lembrar lhes impõe um status superior, uma qualidade de sua cultura original.

Na comparação do texto “relido pela memória” e do folheto original, observou-se uma reprodução consideravelmente fiel ao texto escrito, mesmo depois de um período tão grande de distanciamento da obra.

O que vale destacar, porém, é que a releitura neste caso baseou-se no contato com a língua falada, visto que os participantes não possuíam acesso ao folheto fisicamente. Portanto, os “erros” apresentados perdem-se na incerteza de uma possível reprodução errônea inicial (do próprio cantador) ou/e dos inúmeros reprodutores de sua cantiga.

A própria autora ressalta que “Cada apresentação se constituía em uma nova composição, em um processo dinâmico de criação e, ao mesmo tempo, de conservação”. (GALVÃO, 2002, p. 130).

Com as considerações das evoluções linguísticas, pode-se ver tais “erros” como parte do novo envolvimento cultural e social de seus leitores. Mudanças regionais, ampliação de vocabulário, letramento, entre todos os demais fatores que podem alterar a memória vivida.

Ressalta-se também, mais uma vez, a individualidade da memória, que faz com que cada pessoa relembre o mesmo texto com peculiaridades diferentes. Como discutido inicialmente, o esquecer e lembrar acabam por constituir um discurso subjetivo, um diálogo entre as muitas memórias compostas no tempo e espaço.

A relação memória/esquecimento, no caso dos Cordéis, aponta para a relação dos produtores e do público dos cordéis com seu contexto. O resgate do que é importante ser registrado e veiculado, embora certamente não isento de interferências da cultura hegemônica, é norteado pelos interesses e necessidades, não só culturais, das pessoas que interagem no universo cordelista. As histórias são permeadas desses interesses e necessidades, mesmo que escamoteadas em enredos aparentemente simples e sem, muitas vezes, respeito ao que é considerada norma culta da língua portuguesa.

Outro dado importante refere-se à prioridade e destaque oferecidos à palavra, com a música utilizada mais como suporte. O cordel, parece-nos, é a busca por espaço nas manifestações culturais e, mais ainda, a procura por “falar a palavra” de determinados grupos sociais. Caracterizar o cordel como folclore reproduz um preconceito com as produções ou manifestações populares. As concepções culturais dominantes, não de maneira clara, advogam a ideia de que o folclore representa a cultura das classes populares, cultura essa que deve ser preservada sob pena de desaparecer. Em sendo assim, as classes populares não mais fazem cultura, sendo esta um privilégio das elites culturais. O cordel é visto, analisado e entendido como um produto menor da cultura, fruto da cultura de repertório baixo.

Nos cordéis, as histórias selecionadas, as tramas, enfim a narrativa incluindo o som, apontam a escolha de momentos da história em detrimento de outros, aspectos da memória e, em consequência, carregam o esquecimento em seu interior.

Ricoeur apresenta considerações sobre a problemática do esquecimento, que para o autor envolve a relação entre memória e fidelidade ao passado e salienta que

o exemplo das lembranças encobridoras, interpostas entre nossas relações infantis e as narrativas que delas fazemos com toda confiança, acrescenta à simples substituição no esquecimento dos nomes uma verdadeira produção de falsas lembranças que nos desnorream sem que o percebamos; o esquecimento de impressões e de acontecimentos vivenciados (isto é, de coisas que sabemos ou que sabíamos) e o esquecimento de projetos, que equivale à omissão, à negligência seletiva, revelam um lado ardiloso do inconsciente colocado em postura defensiva. A linguagem contribui com isso por seus lapsos; a prática gestual pelas confusões, desajeitamentos e outros atos falhos [...]. (RICOEUR, 2007, p. 454).

Entretanto, o relacionamento estabelecido entre as pessoas iletradas participantes do estudo com o cantador do cordel apresenta respeito e admiração. O encantamento pelo texto, bem como pela leitura em si, fez com que muitos aprendessem a ler com os próprios folhetos, num reconhecimento penoso, porém satisfatório, de sons e letras. Neste caso, a leitura faz-se apropriação de uma das armas da dominação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel tem a peculiaridade de explorar a linguagem de forma plena. Ela utiliza a escrita, a oralidade e a iconografia para contar histórias de tempos passados, conflitos políticos ou fatos folclóricos, aliados regularmente também a um vocabulário e sonorização própria de uma região do Brasil. Essas características são interessantes principalmente por terem se mantido fiéis estruturalmente, resistindo à modernizações extremas.

Porém, a vasta imersão na linguagem não protegeu essas obras do esquecimento. Sua representação da memória mostra-se, apesar de suas peculiaridades, relativamente falha. Essas falhas, porém, são esperadas devido a influência do presente. Conforme abordado no decorrer do estudo, não há como anular-se a presença do presente em uma representação do passado.

As principais vantagens do cordel, em relação a demais obras, apresenta-se na liberdade de expressão do autor. Este pode transparecer sua memória com o uso de artefatos singulares, como a entonação de sua voz ou um desenho. Não há cobrança lírica ou estética nesse contexto, o que o mantém mais preso à memória.

O principal desafio identificado ressalta-se como sendo a própria transposição temporal e a subjetividade. O escritor e o contador assumem posturas diferentes com o passar do tempo, transpondo o presente ao passado, o que acentua-se com a existência de várias linguagens. Como, por exemplo, na perda da entonação original da fala, que é constantemente influenciada pelo contato estabelecido com as diversas mídias e pelas crescentes migrações geográficas.

O Brasil, em contraposição com demais países, acabou desenvolvendo no cordel uma padronização peculiar. Seu desenvolvimento é uma das poucas literaturas que faz uso pleno de diferentes linguagens e que apresenta também características informativas e de entretenimento sem alterar expressamente sua estrutura.

É notório que a manifestação das linguagens foi um dos pontos que acabou por favorecer a popularização de seu formato num espaço relativamente curto de tempo e em uma expressão geográfica plena, sem abandonar suas características originárias do nordeste brasileiro.

Seria ilusório afirmar que essas características possibilitem hoje a representação perfeita de um cordel, representando sua memória original, principalmente pelas dificuldades de reprodução das facetas de cantoria do folheto, mas a liberdade demonstra uma interação de um público miscigenado, que encontrou na expressão simples e no gesto convidativo e divertido dos cantos, desafios e de xilogravuras um convite para a educação, exploração da memória e, muitas vezes, liberdade.

É plausível concluir que uma memória construída de outras tantas com certeza agregou muita riqueza pelos caminhos, sociedades e veredas em que se aventurou.

Assim segue a literatura de cordel no Brasil: jogando faíscas de memória nas novas memórias com as quais se depara.

**MEMORY AND LANGUAGE:
a study on Cordel's brochures**

ABSTRACT It is presented memory characteristics as opposed to history, their social context and their difficulty of expression (especially in relation to oblivion), in order to stress the importance and complexity of memory. To target such a study, Cordel's works was chosen, a discussion of these as memory preservation works, from the identification of the role of language in the exhibition context of this literature characteristic. Cordel molded itself with composition of various language tools and approaches, and this gives rise to the question of whether this composition can weaken or enhance memory. From the studies of this constant linguistic evolution, new questions are put forward to the use of language – in its both meanings - and memory preservation. As a result from literature researches, one can explore the issue and conclude that the cordel literature has the peculiarity of working with language in a plentiful way, however, this did not protect these works from oblivion.

Keywords: Memory. Language. Cordel's Brochures.

Artigo recebido em 18/01/2015 e aceito para publicação em 05/06/2015

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e a filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CURRAN, M. J. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. A literatura de cordel: antes e agora. **Hispania**, Lubbock, v. 74, n. 3, p. 570-576, Sep. 1991.
- FRIEIRO, E. **O diabo na livreria do cônego**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia /Edusp, 1981.
- GALVÃO, A. M. O. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 115-142, dez. 2002.
- HALWBACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, J. **Memória e história**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PIRES, V. L. A interação pela linguagem: prática social mediadora das relações socioculturais. **Nonada**, Porto Alegre, v. 14, n. 17, p. 87-100, 2011. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/373/232>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- PONZIO, A. **A revolução Bakhtiana**. São Paulo: Contexto, 2009.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial. **Psicol. USP**, São Paulo, v.12, n. 2, 2001.
- SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

